

## De quem é a festa? Diversidade étnica nas comemorações do 25 de Julho em São Leopoldo (RS)

Roswithia Weber\*  
Marinês Andrea Kunz\*\*

### Considerações iniciais

O dia 25 de julho de 1824 marca a chegada da primeira leva de imigrantes alemães à Província de São Pedro do Rio Grande (Rio Grande do Sul) e a fundação da Colônia de São Leopoldo (hoje município). A partir de 1924, com a comemoração do centenário da imigração, a data passou a ser vivenciada como ocasião festiva, momento ápice de expressão de germanicidade<sup>1</sup> e da construção da identidade local.

Com a política de nacionalização implementada no Brasil a partir de 1937, as manifestações étnicas alemãs passaram a ser reprimidas: as comemorações do 25 de Julho, em São Leopoldo, que reiteravam a representação do progresso como resultante do trabalho da população imigrantista alemã, foram suprimidas ou, quando a passagem da data foi lembrada, foi-lhe atribuído outro sentido. Em 1949, entretanto, a data voltou a ser festejada

---

\* Doutora em História pela UFRGS, professora e pesquisadora vinculada ao Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Feevale.

\*\* Doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS, pesquisadora e professora titular do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais e do curso de Letras da Universidade Feevale.

1 Utiliza-se esse vocábulo como preferencial frente ao termo germanidade, associado ao nacionalismo alemão. Já germanicidade é utilizado para referenciar aspectos que remetem a características vinculadas à Alemanha.

publicamente e, outra vez, o componente étnico persistiu como elemento de demarcação de uma identidade cultural e local.

Na construção da identidade local de São Leopoldo, a origem étnica alemã apresentava-se numa reprodução recíproca entre território e identidade. No entanto, essa correspondência passa a ser questionada quando o Partido dos Trabalhadores (PT) assume a administração do município: a contrariedade frente às manifestações que identificavam a história da cidade apenas com a trajetória dos descendentes de alemães, ou seja, que não consideravam a diversidade étnica local, manifestou-se especialmente nas comemorações do 25 de Julho na chamada São Leopoldo Fest.

Nesse sentido, o foco deste artigo está em analisar discussões recentes sobre a diversidade étnica da cidade no contexto da passagem do 25 de Julho. Para tal fim, faz-se uso de fontes orais produzidas em 2006, na ocasião de uma pesquisa de doutoramento: foram entrevistadas quatro pessoas, a partir de roteiro semidirigido, dentre as quais duas optaram por não serem identificadas (a fim de evitar sua identificação por cruzamento de informações, as funções específicas desses entrevistados na Prefeitura e no Partido dos Trabalhadores tampouco serão reveladas).

As entrevistas, basicamente, versaram sobre as comemorações do 25 de Julho, na chamada São Leopoldo Fest, em 2005, ano em que o Partido dos Trabalhadores assumiu a administração do município, e em 2006. Informações e representações presentes nessas fontes permitem analisar discursos de diferentes agentes<sup>2</sup> acerca da identidade étnica alemã e da sua relação com a diversidade étnica local.

Em 2005, no contexto das comemorações do 25 de Julho, a administração do PT toma como seu o papel de incorporar à identidade local outros grupos, alheios aos códigos culturais que organizam o pertencimento étnico alemão. Aqui, vale lembrar Villarroya (1992), que aponta a festa como um espaço privilegiado para perceber a dinâmica das relações sociais, suas tensões e conflitos. Nesse sentido, as fontes orais utilizadas neste trabalho permitirão evidenciar as tensões presentes em torno da referida festa.

---

2 A noção de agente, tomada de Bourdieu, serve aqui para designar pessoas, grupos, classes ou instituições que ocupam um espaço específico na sociedade e que, por sua vez, marcam sua identidade a partir das representações que constroem.

## Hegemonia em discussão

Um dos espaços da cidade ligados à propagação da identidade local relacionada à imigração alemã foi o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo – uma instituição privada que surgiu em 1959 e que, em muitos momentos, colocou-se como guardião do patrimônio local. Ao museu e às pessoas a ele ligadas cabia esse papel, que tinha seu momento alto na programação das festividades do 25 de Julho, dado que seu foco estava em atuar na gestão da memória ligada aos alemães. Assim, entende-se que memória e etnicidade são noções cruzadas, dado que, em vários momentos da história de São Leopoldo, coube a esse museu contar a história local. Por conta disso, foi entrevistado o presidente do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, José Carlos Eggers (2006), acerca das comemorações do 25 de Julho no primeiro ano da administração do Partido dos Trabalhadores. Conforme seu relato, já no início desse mandato, o secretário municipal da cultura, José Carlos Martins, reuniu-se com ele, apontando a necessidade de se desenvolver uma política cultural que incluísse outras etnias além da alemã. Cabe frisar que o secretário propôs essa discussão no espaço do museu, o qual, através de ações ao longo de sua institucionalização, afirmou a identidade local voltada à etnicidade alemã. Pode-se entender que a procura pelo presidente do museu por parte do secretário visa ao anúncio de mudanças na forma como a identidade cultural da cidade é demarcada.

Um dos temas abordados pelo presidente do museu e pelo secretário da cultura, no encontro mencionado, foi a inadequação da denominação *São Leopoldo Fest*. As entrevistas realizadas com os dois integrantes do Partido dos Trabalhadores também relataram que essa foi uma discussão que passou a ganhar espaço nas reuniões junto à Secretaria de Cultura quando o partido assumiu a gestão do município em 2005. Estava em questão a legitimidade da identificação da São Leopoldo Fest como “a festa da cidade”, tendo em vista que o tema que a orientava era a identidade alemã, ou seja, não estava contemplado na comemoração nenhum outro grupo. O mote desse debate é o próprio termo *fest* (festa), que, por ser de origem alemã, seria inadequado para representar a totalidade de etnias que compõem o município.

É importante, para essa discussão, recuperar o percurso histórico dos festejos do dia 25 de Julho. Inicialmente, nas décadas de 1920 e 1930, esses festejos eram identificados como festividades do *Dia do Colono*. Entretanto,

na Assembleia Legislativa estadual, em 1956, foi proposta a substituição da denominação do feriado do 25 de Julho de *Dia do Colono* para *Dia do Imigrante*, a fim de contemplar diferentes etnias. A denominação *Dia da Imigração* passou a ser utilizada com frequência, de forma que a expressão *Dia do Colono* foi perdendo espaço. Desde os anos 1940, com o processo de nacionalização e no contexto da II Guerra Mundial, a carga positiva em torno da figura do colono vinha tomando outras feições. Gertz (1991) identifica esse processo como fenômeno do “alemão-batata”, contextualizado no período de 1945-1974 e relacionado à reação de setores urbanizados frente ao colono, considerado atrasados e sem refinamento. Nas décadas posteriores, com a intensificação do processo de urbanização, o colono foi ficando “fora de moda” (Weber, 1996).<sup>3</sup>

Assim, os festejos passaram a ser denominados *Semana do Imigrante* e, desde 1991, *São Leopoldo Fest*, inscritos nas *fest* disseminadas a partir dos anos 1980 no cenário nacional, quando “[...] as festas germânicas tornaram-se um modelo de economia turística” (Flores, 1997, p. 15).

Embora se tenha pensado em mudar o nome da festa, a denominação *São Leopoldo Fest* foi mantida, mas as discussões acerca da multiplicidade étnica presente na cidade passaram a pesar na organização da comemoração do 25 de Julho a partir de 2005.

## Festa da cidade ou festa alemã?

O relato de outro entrevistado sobre a formatação dos festejos de 2005 aponta alguns elementos que permitem perceber o que se constituiu em controvérsia – “festa da cidade” ou “festa alemã”:

No primeiro momento, se pensou muito em não deixar só uma festa alemã. A discussão era de que fosse uma festa da cidade, e não uma festa alemã, mas, este ano, vimos que isso não funcionou muito bem. No ano passado, as pessoas sentiram falta de atividades alemãs na festa [...]. Depois de muitas discussões, a gente viu que, pôxa vida, né, que realmente a festa é em homenagem aos imigrantes, então, como você vai desvincular?

---

3 No entanto, atualmente há um processo de institucionalizar como positiva a imagem do colono: o que, em outro contexto, apareceria como “grossura” é demarcado em festas étnicas como o “típico”.

Eles... eles... o governo queria descaracterizar um pouco. São Leopoldo hoje é uma cidade que tem muitas etnias. Hoje temos uma festa da consciência negra, por exemplo. O governo pensou em fortalecer os outros, mas isso acabou enfraquecendo uma cultura que é identidade do município.

O entrevistado apontou, ainda, que havia poucas atividades ligadas à imigração alemã na festa: “Não se viu comida alemã na festa, só teve uma bandinha de música alemã, [...] as pessoas sentiram falta de atividades alemãs na festa”. Por fim, conclui, num discurso controlado: “eu não tinha muita força nesta questão da imigração”. A referência ao termo “força” ganha significado no cruzamento de informações referidas em outras entrevistas, segundo as quais a forma de construção das festividades era palco de disputas.

O tom que o entrevistado emprega na fala “pôxa vida, né” expressa sua busca pela concordância do entrevistador. Durante toda a entrevista, ele institui o entrevistador como interlocutor quando responde à pergunta com uma interrogação – afirmando que aquela forma de organizar a festa não era conveniente, já que o motivo dos festejos era a imigração alemã. Percebe-se na fala a demarcação da oposição entre as coisas ligadas à herança alemã e a proposta de incluir outras etnias naquela festa.

Para o pesquisador, colocam-se, metodologicamente, os riscos presentes no fato de escrever a história do tempo presente: ao analisar a história local, ele assume simultaneamente os papéis de figurante da história e de analista imbuído da tarefa de explicar a lógica da produção e recolocar os fatos na complexidade implicada. Conforme Vadelorge (2006, p.7), trata-se de “fornecer legenda dos diferentes quadros de exposição”, em um cenário em que o papel do historiador pode ser confundido com o de conselheiro ou de um interlocutor que concorda com as posições do entrevistado. Diante disso, o historiador necessita recorrer aos princípios científicos para não comprometer a pesquisa.

Outro aspecto a ser pontuado na fala do entrevistado está na declaração “Depois de muitas discussões, a gente viu que [...] realmente a festa é em homenagem aos imigrantes”. Ou seja, houve a necessidade de se discutir o objetivo da festa, pois o fato de a data de 25 de Julho remeter à imigração alemã não fazia com que naturalmente esse fosse o tema dos festejos. Cabe lembrar que as festas são fruto de construção cultural que envolve um sistema de seleção e negociação, evidenciado, na situação em questão, nas discussões sobre a formatação da festa.

Nesse sentido, cabe ainda observar que, para conferir visibilidade a outros grupos, fazia-se necessário “descaracterizar um pouco”, ou seja, não deixar a festa tão marcadamente voltada ao aspecto identitário alemão. Ao mesmo tempo em que refere o fato de a festa ser alemã, o entrevistado aborda a diversidade étnica da cidade por meio da expressão “os outros”: “O governo pensou em fortalecer os outros, mas isso acabou enfraquecendo uma cultura que é identidade do município”.

Vê-se instaurado um processo de alteridade no espaço urbano, qual seja o eu (representante dos teuto-brasileiros) em oposição aos demais grupos (não alemães), os outros. Como foram mencionados apenas os negros, buscou-se um entrevistado que representasse o movimento negro, como se verá mais adiante.

O titubeio do entrevistado na fala “Eles... eles... o governo queria descaracterizar um pouco”, de certo modo, é esclarecido quando outro entrevistado evidencia que existem posições controversas por parte dos membros das diferentes secretarias da Prefeitura quanto às políticas culturais a serem implementadas: “o Ronaldo Vieira, que puxa para os alemães, não tem viés da inclusão, me confessou que ele já falou para o Martins parar de comprar briga com os alemães”. Vê-se aqui a oposição entre duas tendências – a “da inclusão” e a “dos alemães”: Ronaldo Vieira, que ocupava a pasta de Desenvolvimento Econômico e Social (SEMEDES) em 2005, tinha posicionamento diferente do apresentado pelo secretário da cultura com relação à problemática do formato da comemoração do 25 de Julho. Fica claro que não havia unidade entre as secretarias de governo envolvidas na festa – a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e a Secretaria da Cultura.

Pode-se lembrar a análise de Pollak (1989), que identifica a configuração das memórias coletivas como resultado de um trabalho especializado de enquadramento que está sujeito às conjunturas; portanto, na conjuntura em questão, o conflito opera-se entre os agentes interessados em promover o étnico voltado à identidade alemã e os agentes que disputam o estabelecimento da memória incluindo as demais etnias que integram a cidade.

Uma folheteria de divulgação turística produzida pela Prefeitura de São Leopoldo e distribuída por ocasião da São Leopoldo Fest de 2005 destacou a preocupação com a pluralidade de manifestações artísticas, o que se enquadra nas ações da municipalidade para descentralizar a cultura, contemplando diversos grupos sociais da cidade, bem como seus diferentes bairros. No entanto, no próprio material não está contemplada essa diversidade: “um

pouco sobre a história de São Leopoldo: A história de São Leopoldo inicia quando os primeiros imigrantes vindos da Alemanha chegaram a Porto Alegre [...]”. Em resposta ao questionamento sobre o conteúdo do material divulgado, um funcionário da administração entrevistado explica que o texto é um erro, dado que justamente o que a administração quer mostrar é a participação de todos, “inclusive, a presença dos negros e portugueses foi anterior à dos alemães”. Novamente, a pesquisa do tempo presente faz com que se atue no campo social, já que a fonte está presente, e o pesquisador entra no debate ao buscar esclarecer a “história quente”, do tempo presente (Tétart, 2000).

Uma questão das comemorações da São Leopoldo Fest em 2005 que causou estranhamento para alguns foi a participação de carnavalescos – o entrevistado aborda alguns aspectos da atuação desse grupo. Quando o PT assumiu a administração da cidade, firmou-se um projeto que estabelece um convênio com a Associação das Entidades dos Carnavalescos, para que a decoração dos eventos da cidade, inclusive da São Leopoldo Fest, seja feita por esse grupo. Anteriormente, esse trabalho era realizado por serviços terceirizados; os carnavalescos só atuavam na decoração da cidade no carnaval. Conforme o entrevistado, a medida promove inclusão social, uma vez que houve geração de empregos para o grupo dos carnavalescos, aos quais coube organizar o desfile a partir de um tema apresentado pela Secretaria de Cultura. A “ideia da decoração é ter em vista que se trata de uma festa alemã dentro do Brasil, em São Leopoldo, não é uma festa da Alemanha, ou seja, não é para encher a cidade com bandeiras da Alemanha”. Mais uma vez, está presente a ideia de conter as manifestações que evidenciavam a germanicidade.

Em 2005, o pronunciamento do prefeito Ary Vanazzi no lançamento da São Leopoldo Fest parece ter tentado findar as discussões: “São Leopoldo foi e sempre será o berço da imigração alemã” (São Leopoldo está em festa, 2005).

## Multiculturalismo e políticas culturais

Conforme o historiador Martin Dreher, São Leopoldo preserva muito pouco das características dos imigrantes alemães:

São Leopoldo é hoje uma cidade multiétnica e multicultural de extremos, onde muita riqueza é capaz de conviver com muita miséria. Os restaurantes

são de culinária italiana. Ela não é mais uma cidade alemã. É uma metrópole fazendo parte da Grande Porto Alegre, com todas as vantagens e desvantagens de uma grande cidade. (Dreher, 2004).

No entanto, as mudanças apontadas por Dreher (2004), por si só, não alteraram o quadro da hegemonia da cultura alemã em um universo de diversidade étnica.

Em novembro de 2005, foi realizada no município a Semana da Consciência Negra, promovida pela municipalidade. Ao ser questionado sobre esse acontecimento, o titular da Coordenadoria Municipal de Promoção de Políticas para a Igualdade Racial (COMPPIR), Gilberto Silva da Silveira, outro entrevistado, respondeu: “atingimos a meta principal, que é proporcionar a visibilidade do negro na cidade”. Falou com orgulho da Semana da Consciência Negra, comparando-a com a realizada na Serra da Barriga, em Alagoas, no local onde ficava o Quilombo dos Palmares. Outro aspecto destacado foi o das dimensões físicas do evento, que contou com uma área de 6.000m<sup>2</sup>, ao passo que a São Leopoldo Fest ocupou 8.000m<sup>2</sup>.

A comparação entre a São Leopoldo Fest e a Semana da Consciência Negra demonstra o que é percebido em outras entrevistas, ou seja, a contraposição entre alemães e negros, evidenciada pela visibilidade dos primeiros e a invisibilidade dos últimos.

Quando questionado sobre a avaliação da Semana da Consciência Negra, Silveira destacou sua repercussão: “isso mexeu, incomodou”. Apontou que houve críticas diretas ao prefeito Ary Vanazzi: ele estaria “estragando a cidade ao promover eventos desse tipo”. Ou seja, o evento foi entendido por alguns como objeto de depreciação de São Leopoldo, uma ameaça à *imagem* de São Leopoldo. Silveira relatou que, na época, o próprio prefeito, em pronunciamento no final da Semana da Consciência Negra, referiu essas críticas.

Em notícia divulgada no *site* da prefeitura no dia 21 de novembro, o dia seguinte ao encerramento do evento, lê-se:

Vanazzi assegurou que a cidade não será mais a mesma após o seu mandato. ‘São Leopoldo vai ser de todas as etnias e saberá respeitar as diferenças’, disse. Ele explicou que o maior desafio é romper com os preconceitos. Afirmando que a abertura da Semana é um momento histórico para a cidade, o prefeito destacou que o evento não é apenas uma festa para comemorar, mas para debater e refletir a importância da presença do negro na sociedade.



Na abordagem que o prefeito faz da questão, trazendo a polêmica para o âmbito do evento, pode-se perceber, mais uma vez, a dimensão das tensões em nível local. Se em momentos anteriores da história local, o oportunismo político tomava como central a especificidade étnica alemã, nesse momento o oportunismo político foi instrumentalizado pelo discurso do multiculturalismo.<sup>4</sup>

As críticas ao prefeito, sem dúvida, demarcam posturas de preconceito e exclusivismo que certamente têm como base a eficácia de um imaginário que, ao longo dos anos, foi reforçado na cidade. Até então, manifestações que não fossem movidas por esse imaginário eram tímidas. Gilberto Silveira avalia que a identificação de São Leopoldo como alemã ocorre apesar de haver poucos alemães na cidade, em comparação com outras cidades da região: “[...] ficou no imaginário social a imigração alemã, até porque aqui foi aonde eles chegaram”. Mas Silveira lembra que, antes de esses imigrantes chegarem, já estavam na região os negros: “quando [os alemães] chegam aqui, já tem uma coisa construída”.<sup>5</sup> Na construção identitária local, um recurso recorrente é o discurso da ancestralidade, que faz com que o passado ligado à imigração se encontre naturalizado, com um sentido já dado, demarcando uma identidade cultural perene. Esse discurso contribui para homogeneizar a identidade local – serve para fortalecer um imaginário que uniformiza a cidade como alemã aos olhos do espectador e do próprio habitante.

Essa é uma estratégia ideológica, no sentido empregado por John Thompson (1995), ou seja, é uma estratégia de emprego de formas simbólicas para legitimar uma ideia e, por conseguinte, instalar poder – neste caso, a manutenção da etnicidade alemã como a oficial e a legítima da cidade de São Leopoldo, por meio de discursos de diversas ordens. Segundo o autor,

Histórias são contadas tanto pelas crônicas oficiais como pelas pessoas no curso de suas vidas cotidianas, servindo para justificar o exercício de poder

---

4 Em seus estudos sobre Cartagena, Cunin (2003) conclui que esse oportunismo político nem sempre é revertido em votos; antes, é percebido como oportunismo.

5 Antes de ser fundada a Colônia de São Leopoldo em 1824, a região contava com um estabelecimento chamado Real Feitoria do Linho Cânhamo, que funcionou de 1788 até 1824. Foi administrado por portugueses que utilizaram a mão de obra de escravos africanos na produção do linho cânhamo, empregado na produção de fibras que serviam como matéria-prima para a confecção de velas e cordas para as embarcações portuguesas. Em março de 1824, esse estabelecimento foi desativado e, em julho desse mesmo ano, os primeiros imigrantes alemães foram ali abrigados. Foi desse núcleo que nasceu a Colônia de São Leopoldo.

por aqueles que o possuem e servindo, também, para justificar, diante dos outros, o fato de que eles não têm poder (Thompson, 1995, p. 83).

Assim, diante da manifestação étnica afrodescendente por meio da Semana da Consciência Negra, surgiu nova crítica ao prefeito: a utilização do mesmo espaço em que ocorre a São Leopoldo Fest para a realização da Semana da Consciência Negra. É possível ver aí a necessidade de demarcar fronteiras, para que o poder não mude de mãos. O local que apresentava o sentimento de pertença ligado aos alemães perdia seu capital simbólico (Bourdieu, 2002) ao ser utilizado para a manifestação de outro grupo. O posicionamento que segue demonstra a forma como Silveira (2006) se posiciona com relação às discussões da diversidade étnica na cidade:

Podemos chegar num patamar em que se decida: vamos fazer uma festa só [...]. Mas é diferente os alemães comemorem as suas raízes, [e] os afrodescendentes comemorem. Porque os afrodescendentes devem fazer uma recuperação, um resgate da história, uma revalorização, uma valorização [...]. O objetivo de se fazer uma festa da consciência negra é diferente [...]. O momento é de resgatar, não em oposição à imigração alemã ou outra cultura qualquer, mas talvez o que se pode questionar e criticar é que essas culturas não podem ser hegemônicas, [...] não podem existir como se elas fossem o ideal [...]. É isso que se tem que desconstituir; mas não tirar o direito, por exemplo, de reverenciar, porque, afinal de contas, são mesmo descendentes de europeus [...]. O problema é essas culturas tentarem ou buscarem ser o ideal ou superiores a outras culturas, que não são.

Silveira, na posição de intelectual, militante do Movimento Negro e coordenador da pasta de Promoção de Políticas para a Igualdade Racial, aponta o percurso de manifestação dos afrodescendentes como diferente do das manifestações étnicas de grupos descendentes de europeus. No cenário dos debates na cidade, identifica como problemática a demarcação identitária quando a etnia é usada para assinalar diferenças que equivalham a inferioridade ou superioridade. Questiona, assim, a legitimidade do discurso de superioridade da etnia alemã – a qual instaura poderes na cidade –, operando no sentido de promover a visibilidade dos afrodescendentes e de outros grupos étnicos, para romper com os processos de homogeneização.

O tema das comemorações da São Leopoldo Fest também esteve presente na entrevista com Silveira (2006): sua fala – “o momento é de resgatar, não em oposição à imigração alemã ou outra cultura qualquer, mas talvez o que se pode questionar e criticar é que essas culturas não podem ser hegemônicas [...]” –, de certo modo, permite perceber o que se deu no cenário político: a oposição entre o grupo que é a favor da inclusão e o grupo que é pró-alemães.

A busca de demarcação identitária de grupos outrora excluídos caracteriza, no âmbito local, uma questão que tem estado na agenda política tanto no cenário nacional quanto no internacional. Gertz (2007, p. 77-78) afirma:

Não há dúvida de que a busca pela identidade está na moda, até é incentivada e promovida pelo Estado. Mas não há dúvida também de que a busca e o fomento da dedicação à identidade tem, como objetivo primordial, aumentar a autoestima de grupos negativamente privilegiados. Como fica difícil para o Estado ou para outras instâncias na sociedade delimitar até onde o fomento da identidade pode ser levado, há uma abertura generalizada para o cultivo de tal identidade por todos. No entanto, é evidente que o cultivo dessa identidade é visto com simpatia em relação aos citados grupos negativamente privilegiados, enquanto para grupos que, no seu conjunto, não se enquadram nessa categoria esse cultivo, muitas vezes, é visto com olhos críticos.

O autor aponta para um cenário em que a visibilidade dos negros tem sido mais evidenciada, o que reflete a característica de um processo com dimensões tanto nacionais quanto internacionais, no sentido de esse grupo se fazer reconhecer. Configura-se aqui o que Agier (2001) identifica como fenômenos internacionalizados de manifestação étnica. O grau de simpatia em relação a essas manifestações é variável – no caso de São Leopoldo, durante o período em questão a simpatia da administração pública se voltou ao grupo dos afrodescendentes.

Se, por um lado, vê-se em São Leopoldo a tendência da inserção de grupos anteriormente não visibilizados, por outro, há, no âmbito do turismo, um reforço do étnico, o que, no caso do município em questão, consiste no destaque à identidade étnica alemã, que delimita, em alguns casos, os processos identitários locais. Conforme Meneses (2002), no campo do turismo como um todo, podem-se identificar dificuldades de se operar com a noção

de complementaridade, uma vez que sempre se trabalha com o “típico” como elemento principal. O autor sintetiza:

O típico facilita sobremaneira o consumo: a comida típica, a roupa típica, a fala típica, os trajes típicos, os comportamentos típicos, o temperamento típico – e a paisagem típica – dão conta de qualquer heterogeneidade, complexidade e transformações, cuja historicidade se congela, abstratamente, numa mercadoria estável, transparente, de fácil digestão. (Meneses, 2002, p. 48).

Sob essa perspectiva, pode-se dizer o “típico” constitui-se como a maior garantia de minimizar as diferenças culturais, fazendo com que as clivagens internas não interfiram na forma como os grupos são definidos para fins turísticos. Sustenta, assim, relações de poder, que servem a interesses de determinados grupos, em geral, que se valem

[...] da estratégia da narrativização: essas exigências estão inseridas em histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável. De fato, as tradições são, muitas vezes, inventadas a fim de criar um sentido de pertença a uma comunidade e a uma história que transcende a experiência do conflito, da diferença e da divisão. (Thompson, 1995, p. 83).

## Onde é o berço: São Leopoldo x Nova Friburgo, 2006

Não se pode subestimar o dinamismo dos processos históricos, pois ao se trabalhar com o tempo presente, muitas vezes, não se tem domínio do desenlace. Assim, um episódio ocorrido em maio de 2006, a dois meses de outra edição da São Leopoldo Fest, parece ter contribuído para as controvérsias locais tomarem proporções diferenciadas. Foi veiculada na imprensa nacional uma matéria segundo a qual Nova Friburgo, cidade serrana do Rio de Janeiro, reivindicava o título de “berço da imigração alemã no Brasil”. Essa reivindicação deu-se através do Centro Cultural Teuto-Friburguense: a pesquisadora Dalva Brust, presidente da entidade, apresentou documentos que provavam que os primeiros alemães lá tinham chegado no dia 3 de maio de 1824, ou seja, 82 dias antes de os imigrantes chegarem ao Rio Grande do Sul.

As reações em São Leopoldo atingiram várias esferas. Como era de se esperar, o Museu Histórico, como local que, ao longo de sua institucionalização, se posicionou como responsável pela história da imigração, foi procurado pela imprensa. Seu diretor, Telmo Lauro Müller, manifestou-se acerca do tema, justificando a legitimidade do título Berço da Imigração Alemã para São Leopoldo, dado que, diferentemente do que ocorreu em Nova Friburgo, aqui no Rio Grande do Sul a chegada dos alemães causou visível impacto. Müller utiliza o argumento que o historiador Arthur Blásio Rambo classificou de “critério qualitativo” para discutir a polêmica: “[...] partiria do pressuposto da importância ou do significado histórico que os diversos grupos de imigrantes alemães tiveram na evolução e consolidação social, política, econômica, religiosa e cultural das regiões onde foram assentados” (Rambo, 2006). Esse critério tira do páreo locais que poderiam reivindicar o título de berço pautados pelo argumento cronológico – é o caso das colônias estabelecidas em Leopoldina e São Jorge dos Ilhéus, na Bahia, em 1818.

Mas o que mais interessa analisar é como a administração pública participou do debate. A mesma gestão que, através de algumas secretarias, teve como preocupação desvincular a cidade da marca exclusivamente alemã; que demonstrou, um ano antes, empenho em fazer com que a festa de São Leopoldo incluísse outras etnias, depois da reivindicação de Nova Friburgo assumiu na polêmica a defesa do título de berço da imigração alemã para a cidade de São Leopoldo. A discussão foi tomando projeção nacional à medida que era veiculada em diferentes meios; a visibilidade de São Leopoldo na imprensa trouxe benefícios à administração da cidade. Pode-se perceber que a municipalidade pauta seu discurso de acordo com as conjunturas, e, nesse momento, o discurso em torno da afirmação da cidade como alemã fez-se oportuno.

Em entrevista com o presidente do museu, José Carlos Eggers (2006), questionei se, diante da polêmica, a municipalidade havia procurado o Museu; conforme o entrevistado, isso não aconteceu. A administração pública assumiu, naquele momento, o papel de defender para São Leopoldo o título de Berço da Imigração Alemã no Brasil e, para tal, contou com o deputado federal e vice-líder do governo na Câmara, Beto Albuquerque (Partido Socialista Brasileiro/RS). O passo-fundense agregou-se à disputa, talvez, por dois motivos que concorrem: o vice-prefeito de São Leopoldo, Alexandre Roso, era também pessevista; e Albuquerque era candidato à reeleição para o cargo

de deputado federal. Em maio, poucos dias após a polêmica vir à tona,<sup>6</sup> o deputado protocolou na Câmara Federal um projeto de lei cuja ementa era: “confere ao município de São Leopoldo o título de ‘Berço da Colonização Alemã no Brasil’” (Albuquerque, 2006). Dentre os argumentos que confeririam a legitimidade do título para a cidade de São Leopoldo é citado o Museu de Imigração Alemã, que consagra a identidade germânica na região:

A notável contribuição dos imigrantes alemães na economia, na cultura, no esporte, no lazer, não poderia ficar apenas nos registros escritos. Era necessário visualizar essa presença através de um Museu que, em sentido amplo, deveria ser uma casa de cultura, uma casa de estudo, uma casa-escola. Essa proposta encontrou eco em toda a antiga Colônia Alemã de São Leopoldo e dez municípios que apoiaram a ideia. Foi assim que, no dia 20 de setembro de 1959, o Museu foi fundado como sociedade civil, cultural, sem fins lucrativos. O Museu Histórico de São Leopoldo, repositório de boa parte dessa saga que beneficiou o Rio Grande.

O outro argumento parece ser menos consistente:

[...] em homenagem a estes imigrantes, que se fixaram e construíram sua história em São Leopoldo, no dia 25 de julho de 1824, e em sintonia com o que dizem os livros de história (sem nunca serem contestados), apresento o presente projeto de lei para conferir ao município este título simbólico-cultural de ‘Berço da colonização alemã no Brasil’.

Pode-se inferir, pois, que essas discussões influenciaram a formatação das festividades do 25 de Julho de 2006, tanto na sua programação quanto em ações de embelezamento da cidade. Assim, por exemplo, praticamente do dia para a noite, surgiu um canteiro de flores que remete ao estilo enxaimel na entrada da cidade. Essa obra foi uma surpresa para os dois entrevistados que atuavam junto à prefeitura: o uso de elementos arquitetônicos que pertencem à etnicidade alemã fazia recuar a tendência de não se caracterizar a festa por essa identidade.

Um dos entrevistados que atua como funcionário público acredita que a disputa pelo título fez com que se repensassem os festejos de 2006, no sentido

---

6 A ementa apresentada em 11 de maio de 2006 foi aprovada em 4 de março de 2011, pela Lei 12.394 (Brasil, 2011).

de incluir elementos culturais alemães. Efetivamente isso se procedeu através do trabalho conjunto entre a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Social (SEMEDES), que “puxava para o lado dos alemães”, como afirmou um dos entrevistados, e as demais secretarias e órgãos municipais, de modo que a demarcação da cultura alemã esteve mais forte do que na festa do ano anterior.

A disputa reforçou, pois, a necessidade de demarcar nos festejos traços da história ligada à imigração, embora o poder público apresentasse cautela, dado o contexto. Um folheto turístico da cidade, distribuído nas comemorações daquele ano, tem como título: “São Leopoldo: berço de muitas histórias”. Essa nova apropriação do termo “berço”, em parte, provém do receio de demarcar a cidade como berço da imigração alemã no Brasil; por outro lado, sugere a intenção de legitimar a participação de outros grupos na construção do município. Conseguiram-se reunir as “muitas histórias” no “berço”.

A expressão cultural dos alemães torna-se importante para a representação pública no âmbito externo, enquanto internamente ainda há uma tensão, pois são feitas algumas exigências para que essa identidade possa incorporar, no âmbito local, identidades distintas.

## Considerações finais

A produção de fontes orais permitiu organizar os acontecimentos do tempo próximo e compreender como se deram as discussões acerca da inclusão de diferentes etnias nas comemorações da São Leopoldo Fest durante os dois primeiros anos da administração petista (2005-2006). O 25 de Julho remete ao marco da imigração alemã e tem uma configuração simbólica, para a administração local, quando diferentes agentes travam discussões sobre como incluir os demais grupos étnicos.

Pode-se perceber que as comemorações do 25 de Julho se constituem em um momento de demarcação das fronteiras entre diferentes grupos étnicos e de estabelecimento de polêmicas em um contexto em que se dá a construção de políticas públicas que considerem a diversidade étnica, o que, no caso, relaciona-se especialmente aos afrodescendentes.

Contudo, a análise permitiu perceber que, no contexto da São Leopoldo Fest, em detrimento da vontade política de alguns agentes, no sentido de modificação de relações interétnicas na cidade de São Leopoldo, prevaleceram interesses políticos voltados à visibilidade da municipalidade na mídia

nacional. Para isso, o governo municipal reforçou a legitimidade do discurso que instaura a etnia alemã como prevacente. Conseqüentemente, a tentativa de agentes que inicialmente primavam pela criação de políticas públicas de inserção social, resultou, no caso analisado, em uma atitude ideológica – como a entende Thompson (1995) –, que reforça relações de poder historicamente construídas e sustentadas pelo discurso da hegemonia étnica.

## Referências

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 7-33, out. 2001.

ALBUQUERQUE, Beto. Projeto de Lei n. 7.022/2006. Confere ao município de São Leopoldo o título de “Berço da Colonização Alemã no Brasil”. Brasília, 11 maio 2006. Disponível em: <[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=ADD33A29BBF0302C95C863DBD11CE317.node1?codteor=394828&filename=PL+7022/2006](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=ADD33A29BBF0302C95C863DBD11CE317.node1?codteor=394828&filename=PL+7022/2006)>. Acesso em: 12 jun. 2006.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BRASIL. Lei n. 12.394, de 4 de março de 2011. Confere ao município de São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul, o título de Berço da Colonização Alemã no Brasil. *Diário Oficial da União*, Brasília, Seção 1, Edição extra, p. 1, 4 mar. 2011.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CUNIN, Elisabeth. Identificação territorial, identificação étnica em Cartagena, Colômbia. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, ano 25, n. 1, p. 123-143, 2003.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

GERTZ, René E. Imigração e história. In: GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto (Org.). *Imigração e cultura*. Caxias do sul: EDUCS, 2007. p. 73-86.

\_\_\_\_\_. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1991.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, v. 1, n. 1, p. 207-222, 1993.



\_\_\_\_\_. Os “usos culturais” da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana F. A.; CRUZ, Rita de Cássia A. da (Org.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1999.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na história oral. *Projeto História*, São Paulo, v. 15, p. 13- 50, 1997.

RAMBO, Arthur Blásio. *Polêmica Friburgo*. Disponível em <<http://www.museuhistoricosl.com.br/index.cfm>>. Acesso em: 2 jun. 2006.

SÃO LEOPOLDO está em festa. *Jornal Vale dos Sinos*, São Leopoldo, p. 3, 16 jul. 2005.

TÉTART, Philippe. *Pequena história dos historiadores*. Bauru: EDUSC, 2000.

THOMPSON, John. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.

VADELORGE, Loïc. *Les affres de l'histoire locale 1970-2000*. [s.d.]. Disponível em: <<http://histoire-sociale.univ-paris1.fr/Collo/VADELORGE.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2006.

VILLARROYA, Antonio Ariño. *La ciudad ritual: la fiesta de las fallas*. Barcelona, Antropos; Madrid: Ministério de Cultura, 1992.

WEBER, Regina. Memórias e estudos sobre a condição de descendente de imigrantes alemães. In: FISCHER, Luís A.; GERTZ, René E. (Coord.). *Nós, os teuto-gaiúchos*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1996.

WEBER, Roswithia. *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: o “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924/1949*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2004.

\_\_\_\_\_. *Mosaico identitário: história, identidade e turismo nos municípios da Rota Romântica – RS*. 310 p. Tese (Doutorado em História) –UFRGS, Porto Alegre, RS, 2006.

## Fontes orais

EGGERS, José Carlos. *São Leopoldo Fest*. Entrevista concedida a Roswithia Weber, São Leopoldo, 2 jun. 2006.

SILVEIRA, Gilberto Silva da. *Coordenadoria Municipal de Promoção de Políticas para a Igualdade Racial (COMPPIR)*. Entrevista concedida a Roswithia Weber, São Leopoldo, 18 jul. 2006.

**Resumo:** Este estudo analisa as discussões sobre diversidade étnica na cidade de São Leopoldo (RS) no contexto recente das festividades do 25 de Julho, marco da chegada dos imigrantes alemães ao estado. Por meio de fontes orais, textos da imprensa e da folheteria turística, consideram-se os discursos de diversos agentes sobre a visibilidade de diferentes etnias nas comemorações da São Leopoldo Fest dos anos de 2005 e 2006, sob a administração do Partido dos Trabalhadores.

**Palavras-chave:** diversidade étnica, festa, etnicidade alemã.

**Abstract:** This study analyzes the discussions on ethnic diversity in São Leopoldo city (RS), in the latest celebrations of July 25, mark of the German immigrants arrival to the state. For this research, oral sources from the press and the tourist brochures are used, considering several speeches about the visibility of different ethnic groups in the city and São Leopoldo Fest celebrations under the Workers Party administration, in the years of 2006 and 2006.

**Keywords:** ethnic diversity, party, german ethnicity.

Recebido em 28/12/2012

Aprovado em 21/05/2013